

## **Contribuições psicanalíticas para a análise de crianças: aproximações e distanciamentos entre as propostas de Winnicott e Klein**

### **Psychoanalytic contributions to child analysis: approaches and distinctions between the proposals of Winnicott and Klein**

### **Contribuciones psicoanalíticas al análisis infantil: enfoques y distinciones entre las propuestas de Winnicott y Klein**

DOI: 10.54033/cadpedv21n5-054

Originals received: 04/08/2024  
Acceptance for publication: 04/29/2024

---

#### **Juliana de Castro Prado**

Doutoranda em Promoção da Saúde pela Universidade Cesumar  
Instituição: Universidade Cesumar (UNICESUMAR), Instituto Cesumar de  
Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI) Bolsista CAPES  
Endereço: Maringá, Paraná, Brasil  
E-mail: [jujcp@hotmail.com](mailto:jujcp@hotmail.com)

#### **Vanessa Namieh Garicoix**

Especialista em Psicanálise Contemporânea  
Instituição: Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá  
Endereço: Maringá, Paraná, Brasil  
E-mail: [psi.vanessagaricoix@gmail.com](mailto:psi.vanessagaricoix@gmail.com)

#### **Gabriela Costa Alves**

Mestre em Promoção da Saúde  
Instituição: Universidade Cesumar  
Endereço: Maringá, Paraná, Brasil  
E-mail: [psi.gabrielacosta@hotmail.com](mailto:psi.gabrielacosta@hotmail.com)

#### **Rute Grossi-Milani**

Doutora em Medicina, Área - Saúde Mental pela Universidade de São Paulo  
(USP)  
Instituição: Universidade Cesumar (UNICESUMAR), Instituto Cesumar de  
Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI)  
Endereço: Maringá, Paraná, Brasil  
E-mail: [rute.milani@unicesumar.edu.br](mailto:rute.milani@unicesumar.edu.br)

---

## RESUMO

Ao longo da história, a percepção e o valor atribuído à criança evoluíram significativamente. Na Idade Média, era comum enxergar a criança como uma versão em miniatura do adulto, e a elevada taxa de mortalidade era encarada como parte natural da sociedade da época, resultando em laços emocionais menos profundos entre adultos e crianças. A partir do século XVII, ocorreu uma mudança paradigmática nessa visão: a infância passou a ser valorizada desde os seus primeiros momentos, emergindo a ideia da inocência infantil. Em consequência a tais transformações, as famílias passaram a dar mais atenção à preservação e à educação das crianças. Tais acontecimentos trouxeram repercussões sociais e culturais significativas, marcando o início de uma era na qual o cuidado e a atenção às crianças se tornaram prioridades. Com o passar do tempo e com o surgimento da Psicanálise proposta por Sigmund Freud, as abordagens na análise infantil também foram evoluindo. Inicialmente, com o método clínico de Klein e seus seguidores, havia um foco intenso na interpretação minuciosa das brincadeiras observadas nas sessões. Atualmente, diversos modelos teóricos ampliaram ou modificaram essas concepções originais. Este estudo de revisão bibliográfica visa explorar as significativas contribuições de Melanie Klein e Donald W. Winnicott para a análise psicanalítica de crianças. Pretende-se investigar as semelhanças e diferenças entre suas abordagens teóricas, visões a respeito da importância do brincar no desenvolvimento infantil e o tipo de manejo utilizado por cada autor na condução da análise do público infantil.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Análise de Criança. Saúde da Criança. Bem-Estar Psicológico.

## ABSTRACT

Throughout history, the perception and value attributed to children have evolved significantly. In the Middle Ages, it was common to view children as miniature versions of adults, and the high mortality rate was seen as a natural part of society at the time, resulting in less profound emotional bonds between adults and children. From the 17th century onwards, there was a paradigm shift in this perspective: childhood began to be valued from its earliest moments, and the idea of childhood innocence emerged. As a result of these transformations, families began to pay more attention to the preservation and education of children. These events brought about significant social and cultural repercussions, marking the beginning of an era in which the care and attention to children became priorities. As time passed and with the emergence of Psychoanalysis proposed by Sigmund Freud, approaches to child analysis also evolved. Initially, with Klein's clinical method and its followers, there was a strong focus on the meticulous interpretation of children during analysis, aiming to decode the meaning of the play observed in sessions. Currently, various theoretical models have expanded or modified these original conceptions. This literature review aims to explore the significant contributions of Melanie Klein and Donald W. Winnicott to the psychoanalytic analysis of children. The objective is to investigate the similarities and differences between their theoretical approaches, views on the importance of play in child

development, and the type of management used by each author in conducting analysis with children.

**Keywords:** Psychoanalysis. Child Analysis. Child's Health. Psychological Well-Being.

## RESUMEN

A lo largo de la historia, la percepción y el valor atribuidos al niño han evolucionado significativamente. En la Edad Media, era común ver al niño como una versión en miniatura del adulto, y la alta tasa de mortalidad era vista como una parte natural de la sociedad en ese momento, lo que resultaba en vínculos emocionales menos profundos entre adultos y niños. A partir del siglo XVII se produjo un cambio paradigmático en esta visión: la infancia comenzó a valorarse desde sus primeros momentos, y surgió la idea de inocencia infantil. Como consecuencia de estas transformaciones, las familias comenzaron a prestar más atención a la preservación y educación de los niños. Estos acontecimientos tuvieron importantes repercusiones sociales y culturales, marcando el comienzo de una era en la que el cuidado y la atención de los niños se convirtieron en una prioridad. Con el paso del tiempo y con la aparición del Psicoanálisis propuesto por Sigmund Freud, los enfoques del análisis infantil también han evolucionado. Inicialmente, con el método clínico de Klein y sus seguidores, se hizo un intenso enfoque en la interpretación detallada de los niños durante el análisis, con el objetivo de decodificar el significado de los juegos observados en las sesiones. Actualmente, varios modelos teóricos han ampliado o modificado estas concepciones originales. Este estudio de revisión bibliográfica tiene como objetivo explorar las contribuciones significativas de Melanie Klein y Donald W. Winnicott al análisis psicoanalítico de los niños. El objetivo es indagar las similitudes y diferencias entre sus planteamientos teóricos, las opiniones sobre la importancia del juego en el desarrollo infantil y el tipo de gestión que utiliza cada autor en la realización del análisis del público infantil.

**Palavras chave:** Psicoanálisis. Análisis del Niño. Análisis del Niño Salud. Bienestar Psicológico.

## 1 INTRODUÇÃO

A concepção e a valorização da criança nem sempre foram as mesmas ao longo da história. A configuração de família também foi sendo modificada, até chegar no que hoje é conhecido como "família moderna". O amor, até metade do século XVIII, não fazia parte como um princípio da família, o amor era associado a perda de razão, de enfraquecimento e à uma coisa passageira, em lugar de ternura, o medo dominava as relações familiares (Badinter, 1985).

Na Idade Média, a criança era frequentemente percebida como uma versão em miniatura do adulto, na maneira de vestir-se, na participação em reuniões, festas, danças, orgias, falavam vulgaridades, e não havia censura nos assuntos discutidos na sua frente (Ariès, 1962). Isso ocorria pois não havia a visão de inocência infantil, o que viria a mudar com a interferência dos poderes públicos e com o surgimento da criança mística ou criança anjo, associada ao Menino Jesus ou Virgem Maria, caracterizado pelo movimento religioso da época (Rocha, 2002). A elevada taxa de mortalidade era encarada como algo natural na sociedade da época, a partir das mudanças culturais que foi-se adquirindo consciência sobre a manutenção da vida da criança, e em medidas para salvá-las.

A partir do século XVII, houve uma mudança significativa nessa perspectiva, com a evolução nas relações sociais, a vida infantil passou a ser valorizada desde o seu início. Surgiu a noção emergente da inocência infantil, e as famílias começaram a preocupar-se mais com a preservação e a educação das crianças. A crescente importância atribuída à infância refletiu-se em transformações sociais e culturais, marcando o início de uma era em que a atenção e o cuidado dedicados às crianças se tornaram uma prioridade (Ariès, 1962). A criança passa a ser educada pela própria família, e com esse novo contato a família passa a ter um novo sentimento pela criança (Rocha, 2002).

Ao longo do tempo, a técnica utilizada na análise de crianças passou por diversas alterações. Inicialmente, com o método clínico de Klein e seus seguidores, havia um foco intenso na interpretação minuciosa das crianças durante a análise, buscando decodificar o significado das brincadeiras ocorridas nas sessões. Atualmente, contudo, existem modelos teóricos que ampliam ou modificam essas concepções originais.

Em Winnicott (1975), por exemplo, encontramos uma relativização da importância da interpretação verbal em análise, juntamente com uma acentuação da relevância do brincar, considerado como dotado de valor terapêutico. Para o psicanalista inglês, é somente através do brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e descobrir seu *self*. É somente no brincar que a comunicação se torna possível. Winnicott considera que a

psicanálise é uma “forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros” (WINNICOTT, 1975, p. 63).

O presente trabalho de revisão bibliográfica tem o objetivo de explicitar as grandes contribuições de Melanie Klein e Donald W. Winnicott para a análise de crianças. Busca-se com esta pesquisa, elucidar a partir das concepções teóricas propostas por estes psicanalistas, as semelhanças e diferenças existentes entre: as abordagens, a concepção do brincar para o desenvolvimento e o tipo de manejo utilizado por cada autor na condução da análise do público infantil.

## 2 M. KLEIN: A INTERPRETAÇÃO DA BRINCADEIRA

Melanie Klein (1932/1997), em introdução ao seu livro *A Psicanálise de crianças*, apresenta que os primórdios da análise de crianças remetem ao tempo em que Freud conduziu a análise do Pequeno Hans (1909) e o êxito obtido com este caso – uma criança de menos de cinco anos – demonstrou que os métodos psicanalíticos poderiam ser aplicados a crianças pequenas. Tal fato, segundo a autora, acenou com esperança para a possibilidade de um conhecimento mais preciso e profundo a respeito do funcionamento da mente da criança do que a análise de adultos havia dado, podendo trazer contribuições importantes para a teoria da psicanálise.

Por muitos anos a análise de crianças continuou a ser uma região relativamente inexplorada dentro da psicanálise tanto enquanto ciência quanto como terapia. Embora vários analistas, em particular Hermine Van Hugh-Helmet, tenham desde então compreendido análises de crianças, nenhuma regra fixa com respeito à sua técnica ou aplicação havia sido formulada (Klein, 1932/1997).

No essencial, surgiram dois métodos: um representado por Anna Freud e outro representado por Melanie Klein. Anna Freud foi conduzida, por seus achados referentes ao ego da criança, a modificar a técnica clássica; elaborou seu método de analisar crianças do período de latência independentemente da técnica proposta por Melanie Klein. Na opinião de Anna Freud as crianças não desenvolvem uma neurose de transferência e, sendo esta uma condição fundamental para o tratamento analítico, encontra-se ausente e torna-se



impossível pensar em psicanálise. Esta autora também acredita que um método semelhante ao método empregado com adultos não deve ser aplicado às crianças pois o ideal de ego infantil das crianças encontra-se ainda excessivamente frágil (Klein, 1932/1997).

Se abordarmos o paciente infantil com técnica da análise para adultos, certamente não conseguiremos penetrar nesses níveis mais profundos; e, não obstante, é disso que depende o sucesso e o valor da análise, tanto para a criança quanto para o adulto. Mas, se tomarmos em consideração as diferenças existente entre a psicologia da criança e a do adulto, o fato de que seu inconsciente ainda se acha em estreito contato com seu consciente e que os seus impulsos mais primitivos atuam paralelamente a processos mentais altamente complicados - e se conseguirmos captar corretamente o modo de pensar e de se expressar da criança, todos esses inconvenientes e desvantagens desaparecerão e poderemos esperar fazer uma análise da criança tão ampla e profunda quanto a do adulto (Klein, 1932/1997, p.32).

Klein (1932/1997), a partir de suas observações próprias, compreendeu que as crianças também desenvolvem uma neurose de transferência análoga a das pessoas adultas, contanto que seja empregado um método equivalente ao método da análise de adultos, ou seja, que evite todas as medidas educacionais e que analise plenamente os impulsos negativos dirigidos ao analista final.

Para Melanie Klein (1932/1997, p. 39), o caráter primitivo do psiquismo infantil demanda uma técnica analítica especialmente adaptada à criança, e vamos encontrá-la na análise lúdica:

Por meio desse método obtemos acesso às fixações e experiências mais profundamente recalcadas da criança, o que nos possibilita exercer uma influência radical em seu desenvolvimento. A diferença, porém, entre os nossos métodos analíticos e a análise dos adultos é puramente de técnica e não de princípios. A análise da situação transferencial e das resistências, a remoção das amnésias infantis e dos efeitos da repressão, assim como a revelação da cena primária, fazem parte da análise lúdica. Portanto, ela não somente está em conformidade com as normas do método de psicanálise para adultos, como também leva aos mesmos resultados. A única diferença é que adaptamos o processo ao psiquismo da criança (Klein, 1932/1997, p.39).

Desde suas primeiras publicações em 1920, Klein manteve uma convicção única no alcance terapêutico de suas interpretações ousadas. Ela compartilhou a crença, já defendida por Freud, de que os conteúdos que

alcançam a consciência perdem sua força patogênica. Como precursora da psicanálise infantil, Klein, apesar de reconhecer as especificidades da análise com crianças, parece não ter se questionado sobre a função da interpretação na análise daqueles cuja constituição psíquica ainda estava em desenvolvimento. A autora concebia o inconsciente não como resultado do recalçamento, mas como inato; levando-a a considerar a possibilidade de uma análise precoce.

Quando Klein (1955 [1953] /1991) começou sua prática analítica com crianças, notou que, na época, vigorava o princípio de que as interpretações deveriam ser oferecidas com extrema parcimônia. Klein estabelece a interpretação profunda e consistente como marca principal de seu método clínico; recomendação esta, expressada por ela em vários textos. Nas palavras de Klein (1997, p. 28), “... podemos ver que todas estas coisas se tornarão significativas se a interpretarmos como interpretamos os sonhos”. Seria através da brincadeira que a criança encontraria formas para expressar suas fantasias inconscientes.

Klein (1932/1997) reconhecia que, apesar de estar imersa nas relações com objetos primários, a criança tinha plenas condições de estabelecer imediatamente uma relação transferencial com um adulto que não conhecia (analista). Essa premissa fundamental, que foi um dos grandes méritos de Klein para a inauguração e difusão da psicanálise com crianças, tornou possível a interpretação precoce, muitas vezes até na primeira sessão.

A interpretação predominava especialmente diante de sinais de transferência negativa, como o retraimento, ansiedade, desconfiança e hostilidade. Contrariamente à avaliação da transferência negativa como indicativo de insucesso ou inconveniência, o método kleiniano preconizava seu tratamento por meio de abordagens analíticas: isso implicava reconhecer e interpretar a transferência para modular seus efeitos em direção à transferência positiva e ao estabelecimento da situação analítica (Gomes e França, 2002).

A interpretação, portanto, não foi considerada por Klein apenas um dos recursos que poderiam iniciar o trabalho analítico, mas sim o único caminho. Nas palavras de Klein (1932/1997, p. 94) “na análise de crianças é só a interpretação, na minha experiência, que dá início ao processo analítico e o mantém em

andamento”. Conforme a perspectiva kleiniana, a redução da ansiedade é o elemento mais representativo da direção da cura e atesta a eficácia da interpretação. Além disso, ela desencadeia efeitos como a diminuição da repressão e das inibições, ao mesmo tempo em que amplia a capacidade sublimatória.

Klein deixa bem claro que o trabalho analítico, ao interpretar para a criança o que suas brincadeiras, seus desenhos e todo o seu comportamento significam e, assim, erguer as “comportas” da repressão, libera tanto as fantasias quanto a energia dispendida para manter a repressão. Uma vez liberada, essa energia pode ser investida em novas direções, donde o incremento da capacidade sublimatória, muitas vezes atingido por meio da análise e visível no surgimento de um grande número de novos interesses. O uso convicto da interpretação e a correlata defesa de uma análise conduzida em profundidade ajustam-se à concepção de Klein a respeito do desenvolvimento superegoico ou moral da criança (Gomes e França, 2002, p. 294).

Uma das contribuições inovadoras da proposta kleiniana é a teorização sobre o surgimento precoce do superego tirânico, em um estágio anterior ao que Freud havia estabelecido. Klein (1932/1997) argumenta que, em termos dos objetivos analíticos, a criança só tem a ganhar se a análise conseguir, por meio de interpretações, suavizar a severidade de seu superego. Isso, por sua vez, alivia a pressão exercida sobre um ego ainda pouco amadurecido.

Um traço singular do estilo interpretativo de Klein é a sua linguagem distintiva ao comunicar-se com a criança, caracterizada por referências a objetos parciais, bem como por termos anatômicos e fisiológicos. Frequentemente, afirmam Gomes e França (2002, p. 298) “as interpretações evocam a imagem de uma carnificina, uma guerra, um filme de terror onde o pai é assassinado ou assombra com ameaças de morte, o corpo materno é picado, cozinhado e comido ou destruído com armas fecais”.

Melanie Klein desponta como a proponente mais incisiva na investigação dos processos precoces do desenvolvimento infantil, afastando-se, contudo, do estudo específico do cuidado infantil. Embora reconheça consistentemente a relevância do cuidado infantil, Klein não se aprofundou numa análise dedicada a essa esfera (Winnicott, 1983).



### 3 D. W. WINNICOTT: O BRINCAR E A ATMOSFERA BRINCANTE ENTRE ANALISTA-CRIANÇA

É verdade que Winnicott demorou a explicitar as suas diferenças para com a psicanálise ortodoxa, e em particular com a de Melanie Klein. Podem sugerir que ele se considerava um "ortodoxo" (Loparic, 1997). Além disso, Winnicott reconhecia, abertamente, o grande impacto das ideias de Klein sobre a sua própria psicanálise, bem como sobre a psicanálise ortodoxa em geral (Winnicott, 1965, p. 178).

A ruptura efetiva ocorreu após 1946, quando Klein introduziu a posição esquizo-paranóide. Nessa fase, a dinâmica não mais se definia pela situação edípica, mas ainda assim, era fundamentada em mecanismos e forças constituintes dessa situação. Um trabalho de Winnicott de 1952, intitulado "Angústia associada à insegurança" desencadeou uma crise teórica e pessoal entre Winnicott e Klein. Essa crise significativa nunca foi totalmente superada. A conexão vital do bebê é, de fato, com a mãe, mas é uma relação que não se enquadra nem em uma natureza instintual, nem como uma derivação de uma relação de objeto (Loparic, 1997). O bebê, para Winnicott, não tem a possibilidade de reconhecer uma realidade externa, não há condições maturacionais para ter relações com objetos que reconheceria como externos a ele (Fulgencio, 2011).

D. W. Winnicott apresentou ideias inovadoras que se destacam como uma valiosa contribuição para a compreensão do desenvolvimento emocional primário da criança. Uma de suas notáveis contribuições foi a ênfase na vinculação primária com a mãe real, uma perspectiva enriquecida por sua experiência como pediatra, durante a qual ele engajava-se em brincadeiras como o jogo do rabisco e o jogo da espátula com seus pacientes.

Para que o sujeito alcance a totalidade (integração), é necessário que um ambiente proporcione as condições adequadas, adaptando-se às necessidades da criança, de acordo com que cada fase do desenvolvimento exige (Lejarraga, 2008). Outra concepção significativa de Winnicott é a ideia da "mãe suficientemente boa", que não necessariamente se refere à mãe biológica, mas

sim àquela que realiza uma adaptação ativa e contínua às necessidades do bebê.

O ambiente, que tem como objetivo facilitar e proporcionar condições de crescimento, inclui as funções paternas, funções da mãe e da família (Winnicott, 2021). A adaptação adequada do ambiente somente é possível devido a um estado especial que a mãe se encontra, denominado como preocupação materna primária, que lhe possibilita compreender e adaptar-se às necessidades da criança (Avellar, 2004). Essa adaptação tende a diminuir ao longo do tempo, que só é possível devido a esse estado especial da mãe, à medida que cresce a capacidade do indivíduo em lidar com o fracasso e tolerar os resultados da frustração (Winnicott, 1975).

Winnicott destaca a importância do brincar como facilitador do crescimento, dos relacionamentos grupais, da comunicação na psicoterapia e da saúde. Ele argumenta que a psicanálise evoluiu como uma forma altamente especializada de brincar, servindo à comunicação consigo mesmo e com os outros (Winnicott, 1975, p. 70). Os recursos lúdicos oferecidos à criança no contexto terapêutico são ferramentas cruciais que podem ser aplicadas na prática clínica de orientação psicanalítica winnicottiana.

Além disso, Winnicott propõe que o brincar não é exclusivo da infância; manifesta-se também nas escolhas de palavras, nas inflexões da voz e no senso de humor dos adultos (Winnicott, 1975). Ele defende a ideia de que o brincar é um recurso terapêutico valioso em qualquer idade, afirmando que a psicoterapia ocorre entre duas pessoas que brincam juntas.

Donald Winnicott (1975) mudou a noção de sessão analítica quando a aproximou da noção do brincar. Para ele, a sessão acontece mediante a sobreposição de duas áreas do brincar — a do paciente e a do analista. Se o paciente não pode brincar, o trabalho do analista é ajudá-lo a sair desta impossibilidade para a situação do que brinca. “Se o analista ele mesmo não pode brincar, neste caso simplesmente não serve para o ofício” (Winnicott, 1975, p.59). O brincar é essencial porque assim pode manifestar sua criatividade (Winnicott, 1975).

Winnicott (1975) propõe uma abordagem distinta ao considerar o ato de brincar como objeto de estudo em si. Enquanto Melanie Klein (1932/1997) percebe a brincadeira como uma forma crucial de comunicação durante as sessões com crianças, Winnicott dirige sua atenção ao verbo "brincar" em si, não apenas à "brincadeira" como um substantivo, mas visualizando-a em termos de sua potencialidade intrínseca. Este autor ressalta que Melanie Klein, na medida em que estudava a brincadeira, mantinha seu interesse centrado quase que inteiramente no uso e na interpretação desta. Para Winnicott (1975), o terapeuta deve buscar a comunicação da criança e saber que geralmente ela não possui um domínio da linguagem capaz de transmitir as infinitas sutilezas que podem ser encontradas na brincadeira por aqueles que as procuram.

Na teoria total da personalidade o psicanalista tenha estado mais ocupado com a utilização do conteúdo da brincadeira do que em olhar a criança que brinca e escrever sobre o brincar como uma coisa em si. É evidente que estou fazendo uma distinção significativa entre o substantivo "brincadeira" e o verbo substantivado "brincar" (Winnicott, 1975, p. 30).

A concepção do brincar, para Winnicott, ultrapassa o âmbito infantil, e estende-se também aos adultos. Compreender plenamente o brincar, conforme concebido por Winnicott, requer a consideração de sua noção de "transicionalidade" e da compreensão do conceito de saúde trazida por ele. A transicionalidade está no encontro entre o mundo psíquico e o mundo socialmente construído. Este campo intermediário constituído tanto pela realidade interna quanto pela realidade externa é fundamental para entender o brincar de Winnicott (1975).

Esta área intermediária tem a ver com a crescente capacidade do bebê de perceber e aceitar a realidade socialmente construída, que vai da realidade subjetivamente concebida à realidade objetivamente percebida (Dias, 2021). Trata-se, como o próprio nome já sugere, de uma transição que começa com a ilusão do bebê, que se percebe como potente e criador do mundo que o circunscreve, nesse início o bebê não tem maturidade para saber da existência de uma realidade externa, para ter objetos (já que não possui um EU-SOU), nem para relacionar com objetos. Ilusão de onipotência é o nome dado para esse

fenômeno, um paradoxo segundo Winnicott, onde o bebê tem a experiência de encontrar, ou seja, cria aquilo que precisa no momento que precisa (Winnicott, 1960/1982).

Com o bebê um pouco mais maduro, a desadaptação da mãe dá início ao processo de desilusão do bebê (Dias, 2021). A capacidade de adotar um objeto transicional dá notícias que o processo está em curso, ocorrendo uma quebra na onipotência, e o apego a ursos ou fraldas, auxilia a criança a se separar em pequenas doses da mãe, amenizando sua ansiedade (Winnicott, 1990). Ao possuir o objeto, o bebê posterga o controle mágico sobre o mundo (De Oliveira Morais, Do Amparo & Brasil, 2017).

São objetos que não fazem parte do bebê, mas que do ponto de vista do bebê ainda não são plenamente reconhecidos como algo que pertencentes à realidade externa (Winnicott, 1969). O objeto precede o teste de realidade, elabora a passagem do controle onipotente para o controle pela manipulação. O bebê percebe que o objeto transicional não está sob controle mágico, mas não totalmente fora de controle, como a mãe real (Fulgencio, 2011). Na vida adulta esta área intermediária está expressa nas artes, religião e cultura em geral; é o campo também da loucura, quando alguém exige demais da credulidade dos demais (Winnicott, 1975).

O espaço que o brincar ocupa não fica dentro nem fora da subjetividade, fica na fronteira. O brincar não está no espaço repudiado pelo bebê que constitui o *não-eu*, nem está inteiramente dentro de sua subjetividade e corpo. Este espaço de brincar Winnicott chamou de espaço potencial e é de início pensado como um espaço que se forma entre a mãe e o bebê (Franco, 2003, p. 48).

Winnicott (1975) aplica a noção de espaço potencial à sessão de análise. O ato de brincar, considerado universal, saudável e altamente desejável, é também incorporado à dinâmica da análise. O brincar facilita a comunicação intra e interpessoal, possibilitando experiências únicas de desintegração e integração para o paciente. A sessão de psicanálise pode ser concebida como uma expressão sofisticada e contemporânea da experiência lúdica. Ela se fundamenta em um espaço e temporalidade próprios, apresentando

semelhanças com o ambiente e a cronologia das relações iniciais entre mãe e bebê.

A delicadeza das interações mãe-bebê deve servir de referência para a sessão analítica. Muitas vezes, as crianças necessitam da presença de um observador para evitar que o elemento amedrontador destrua a dimensão criativa da brincadeira, um princípio aplicável também à sessão analítica. Esta, deve ser capaz de sustentar a experiência criativa do paciente; uma experiência que se desdobra em um continuum espaço-temporal e estabelece uma nova maneira de viver, assemelhando-se ao brincar.

Dado que o ato de brincar é uma sutileza, situando-se entre o subjetivo e o objetivo, sua fragilidade deve ser levada em consideração. O analista reconhecerá que seu papel está vinculado à sustentação desse brincar por parte do paciente, ocorrendo em um espaço e tempo construídos de forma transferencial (Franco, 2003).

Winnicott (1975) questiona a validade de interpretações fora de sincronia com o tempo. O setting, considerado um instrumento fundamental no processo analítico, sustenta o ato de brincar, o qual pode conduzir o paciente a experiências surpreendentes durante a sessão. Interpretar de maneira inadequada pode ser percebido como uma imposição que resulta na submissão do paciente. Evitar resistências a interpretações fora de tempo torna-se mais viável ao se conceber a sessão como uma sobreposição da brincadeira comum entre analista e paciente.

O verdadeiro brincar infantil, caracterizado por criatividade, revela-se por meio de uma dedicação e comprometimento aos elementos da brincadeira. Existe uma entrega ao ato de brincar e uma resistência a abandoná-lo, mesmo que a criança não confunda o brincar e seu poder imaginativo com a realidade socialmente aceita. Analogamente, na sessão, a presença do paciente e do analista, sua dedicação àquele espaço e tempo que transcende os limites convencionais, é crucial para a efetividade da brincadeira (Avellar, 2004).

## 5 CONCLUSÃO

Com a apresentação do presente trabalho, tornam-se claras as grandes contribuições realizadas por D. Woods Winnicott e Melanie Klein para a análise de crianças dentro da perspectiva da psicanálise.

Torna-se evidente que não podemos esperar que a criança se expresse na terapia da mesma forma que um adulto. Melanie Klein, sendo precursora da análise de crianças compreendeu que devido ao primitivismo do psiquismo infantil, seria necessário o emprego de uma nova técnica, a análise do lúdico. A autora afirmava possibilidade em analisar crianças, mas compreendia que a técnica deveria ser adaptada ao psiquismo infantil. Winnicott trouxe com a teoria do amadurecimento emocional uma nova compreensão do brincar. Para ele, o brincar significa saúde. Winnicott defende que antes do conteúdo da brincadeira, é importante olhar a criança brincar. Tendo em vista que o brincar significa saúde, se o desenvolvimento da criança ser bom o suficiente, possibilita a criança ser espontânea, criativa, identificar sua potência e ser potente no mundo, ser confiante e ter a sensação de existir em continuidade com o mundo.

A partir das contribuições deste trabalho, é possível entender que a brincadeira, o ato de brincar, abre portas para pensar o trabalho de analistas de crianças, compreender que a atividade lúdica pode dar abertura para intervenções, possibilitando para a criança a experiência de se expressar livremente.

Ao permitirmos que a criança brinque livremente, observamos que esse é o seu modo natural de se expressar. O brincar transcende a simples função de entretenimento e passatempo; ele é, na verdade, a linguagem primordial da criança, sua forma de comunicação e construção como indivíduo. Além de ter um caráter terapêutico, o brincar é como a criança se expressa e se relaciona com o mundo.

Entender o brincar vai além de enxergá-lo como uma atividade para passar o tempo e ser meramente interpretado enquanto brincadeira; é compreender como ele pode influenciar significativamente no desenvolvimento infantil. Essa compreensão é igualmente relevante na clínica de adultos, onde é



essencial conhecer o funcionamento das brincadeiras e sua relação com a formação do sujeito, sendo uma expressão natural da linguagem infantil e da organização interna.

Portanto, faz-se crucial compreender de que forma o brincar opera, quando e como podemos interpretá-lo (se é que devemos) e analisá-lo dentro do ambiente terapêutico, atendendo às demandas clínicas do sujeito. O brincar acompanha o ser humano ao longo de toda a vida, sendo uma representação da capacidade contínua de ser criativo e expressivo.

Através da análise, os psicanalistas podem detectar precocemente sinais de dificuldades emocionais, traumas ou conflitos internos que podem afetar o bem-estar emocional da criança no futuro. Identificar esses problemas em tenra idade permite intervenções mais eficazes e pode prevenir complicações mais sérias em fases tardias da vida. A análise de crianças a partir do viés psicanalítico pode ser uma ferramenta valiosa para promover saúde mental (emocional) infantil, fornecendo suporte emocional, identificando problemas precocemente e promovendo um desenvolvimento saudável e equilibrado.

### AGRADECIMENTO

O presente estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e do Programa Produtividade em Pesquisa do ICETI – Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Livros técnicos e científicos editora, 1981.

AVELLAR, Luziane Zacché. **Jogando Na Análise de Crianças: Intervir**. Casa do Psicólogo, 2004.

DE FÁTIMA GOMES, Nívea; FRANÇA, Cassandra Pereira. Ainda interpretamos crianças à maneira de Melanie Klein?. **Estilos da Clínica**, v. 17, n. 2, p. 290-305, 2012.

DE OLIVEIRA MORAIS, Renata Arouca; DO AMPARO, Deise Matos; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella. Transicionalidade e espaço potencial na clínica psicanalítica winnicottiana com paciente falso self. **Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea 3**, p. 89.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de DW Winnicott–4° Ed.** DWWeditorial, 2021.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. O brincar e a experiência analítica. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**, v. 6, p. 45-59, 2003.

FREUD, Sigmund. Duas histórias clínicas (o "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos"). In: **Duas histórias clínicas (o "Pequeno Hans" e o "Homem dos ratos")**. 1909. p. 333-333.

FULGENCIO, Leopoldo. A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 21, p. 393-401, 2011.

KLEIN, Melanie. **A psicanálise de crianças**. 1969.

KLEIN, Melanie. A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. **M. Klein, Inveja e gratidão. Rio de Janeiro: Imago.(Trabalho original publicado em 1955)**, 1991.

LEJARRAGA, Ana Lila. Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. **Natureza humana**, v. 10, n. 2, p. 115-147, 2008.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott e Melanie Klein: conflito de paradigmas. **A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a universidade**, p. 43-60, 1997.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz. História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. 2002.

WINNICOTT, Donald Woods. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. O ambiente e os processos de maturação, p. 128-139, 1983.

WINNICOTT, D. W. Existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica. **O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: ArtMed, 1983.**

WINNICOTT, Donald W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Ed. 1975.

WINNICOTT, Donald. **Tudo começa em casa.** Ubu Editora, 2021.